

UM PERCURSO POSSÍVEL PARA O CONCEITO DE ENUNCIÇÃO

A POSSIBLE ROUTE TO THE CONCEPT OF ENUNCIATION

Débora Pereira Lucas Costa¹, Simone de Sousa Naedzold¹

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, MT, Brasil

debora.costa@unemat.br; snaedzold60@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0156-9544>; <https://orcid.org/0000-0002-4950-8409>

Recebido em 12 maio 2021

Aceito em 20 jun. 2021

Resumo: O presente artigo tem como objetivo traçar um percurso histórico para a constituição do conceito de 'enunciação' tal como é postulado pela Semântica da Enunciação e mapear como e quando este termo aparece nos livros teóricos e sob quais características. Optou-se, através de pesquisa bibliográfica, por percorrer um trajeto teórico até o ano de 2018, partindo da década de 1660 do século XVII. O percurso é marcado pelos postulados de Antoine Arnauld, Claude Lancelot, Pierre Nicole, Gottlob Frege, Michel Bréal, Ferdinand Saussure, Pierre Guiraud, Mikhail Bakhtin, Stephen Ullmann, Émile Benveniste e chega a Oswald Ducrot e Eduardo Guimarães. Esta análise destaca Bakhtin e seu círculo, que postularam bases enunciativas a partir de Saussure e outros autores; Benveniste, que traz discussões importantes e pertinentes ao tema ora estudado; Ducrot, que estuda Saussure e Bakhtin, avançando em conceitos como locutor, alocutor, dentre outros; e Guimarães por mostrar desdobramentos importantes da teoria de Ducrot e aprofundá-la no sentido da Semântica Enunciativa. Voltamos a atenção para estes autores por entendermos que os mesmos, na contemporaneidade, são referências para o uso do termo 'enunciação'. Compreender como uma noção teórica toma forma possibilita-nos refletir sobre a constituição da Semântica em diferentes perspectivas. Nosso *corpus*, formado pelas obras completas ou parciais destes autores, constitui acervo importante para a análise que empreendemos. Esta produção integra as atividades do Grupo de Pesquisa Educação e Estudos de Linguagem (GedEL/UNEMAT).

Palavras-chave: Semântica. Enunciação. Percurso histórico.

Abstract: This article aims to trace a historical route for the constitution of the concept of 'enunciation' as it is postulated by the Semantics of Enunciation and to know how and when this term appears in theoretical books and under what characteristics. It was decided, through bibliographic research, to go through a theoretical path until the year 2018, starting from the 1660s of the 17th century. The route is marked by the postulates of Antoine Arnauld and Claude Lancelot and Pierre Nicole, Gottlob Frege, Michel Bréal, Ferdinand Saussure, Pierre Guiraud, Mikhail Bakhtin, Stephen Ullmann, Émile Benveniste and arriving at Oswald Ducrot and Eduardo Guimarães. This analysis highlights Bakhtin and his circle, who postulated enunciative bases from Saussure and other authors; Benveniste, who brings important and pertinent discussions to the topic studied; Ducrot, who studies Saussure and Bakhtin, advancing in concepts such as speaker, speaker, among others; and Guimarães for showing important developments in Ducrot's theory and deepening it in the sense of Enunciative Semantics. We turn our attention to these authors because we understand that, in contemporary times, they are references for the use of the term 'enunciation'. Understanding how a theoretical notion takes shape, allows us to reflect on the constitution of Semantics in different perspectives. Our corpus, formed by the complete or partial works of these authors, constitutes an important collection for the analysis we undertake. This production is part of the activities of the Research Group Education and Language Studies (GedEL/UNEMAT).

Keywords: Semantics. Enunciation. Historical route.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico em torno ao termo ‘enunciação’. ‘Enunciação’ já teve seu conceito alterado, tanto no modo como se entendia anteriormente – apenas envolvendo falante e ouvinte –, como seu entendimento mais recente – além de falante e ouvinte envolve contexto, situações e outros fatores. E estas formulações ainda podem alterar-se considerando que o termo foi e é objeto de reflexões e pesquisas de muitos teóricos.

Nosso objetivo é mapear como a ‘enunciação’ foi aparecendo nos livros e quais seus significados e mudanças de sentido, de 1660 a 2018. Não temos a pretensão de esgotar aqui todas as vezes que este termo foi usado e escrito por alguns autores, mas criar uma linha do tempo, com a seleção de teóricos que, como percebemos em nossas leituras no mestrado e no período de doutoramento, usavam ou usam este termo, discutindo conceitos que estão imbricados na ‘enunciação’, como enunciado, enunciador, semântica, significação.

Nosso *corpus* é composto pelas seguintes obras:

- 1660 – *Gramática de Port-Royal* ou *Gramática geral e razoada*, de Antoine Arnauld e Claude Lancelot (edição analisada: 2001);
- 1662 – *A lógica* ou *A arte de pensar*, de Antoine Arnauld e Pierre Nicole (edição analisada: 2016);
- 1879-1924 – *Lógica e filosofia da linguagem*, de Gottlob Frege (edição analisada: 2019);
- 1897 – *Ensaio de semântica*, de Michel Bréal (edição analisada: 1992);
- 1916 – *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure (edição analisada: 2012);
- 1945 – *Semântica*, de Pierre Guiraud (edição analisada: 1989);
- 1952-1953 – *Estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin, texto ‘Os gêneros do discurso’ (edição analisada: 2011);
- 1961 – *Semântica: uma introdução a ciência da significação*, de Stephen Ullmann (edição analisada: 1973);

- 1902-1976 – *Problemas de linguística geral I*, de Émile Benveniste (edição analisada: 1976);
- 1965-1972 – *Problemas de linguística geral II*, de Émile Benveniste (edição analisada: 2006);
- 1984 – *O dizer e o dito*, de Oswald Ducrot, texto “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação” (edição analisada: 1987);
- 1978 – *O dizer e o dito*, de Oswald Ducrot, texto “Estruturalismo, enunciação e semântica” (edição analisada: 1987);
- 1995 – *Os limites do sentido*, de Eduardo Guimarães;
- 2018 – *Semântica*, de Eduardo Guimarães.

Destacamos, na análise, as obras de Ducrot (1987) e Guimarães (2002; 2018) por entender que estes autores trazem reflexões interessantes sobre os desdobramentos mais recentes dos estudos da ‘enunciação’ e que as mesmas são pertinentes ao conceito de ‘enunciação’ no século XXI.

Estruturamos nosso texto em cinco partes. Na introdução, abordamos o objetivo deste trabalho e apresentamos o *corpus*, entendido aqui, seguindo Bauer e Aarts (2002), como o princípio de escolha, que nos permite uma coleta sistemática dos dados, um exame minucioso da seleção. Na sequência, as reflexões iniciais sobre a ‘enunciação’, seguidas por um olhar sobre a constituição do conceito de ‘enunciação’ e a ‘enunciação’ em Ducrot (1987) e Guimarães (2002; 2018), chegando às considerações finais e às referências, que trazem a data de escrita das obras e capítulos, bem como a versão que analisamos. Esta organização é importante, porque faz uma sequenciação das análises de cada obra e autor, possibilita uma melhor compreensão do texto e, deste modo, contribui para os encaminhamentos da discussão proposta.

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE ‘ENUNCIÇÃO’

Em tempos nos quais informações estão disponíveis a todo momento em telas de *smartphones*, serviços *online* de buscas, geralmente, os usuários mais engajados são os primeiros a solucionar perguntas do cotidiano. Foi assim que iniciamos a busca por respostas para uma pergunta: O que é ‘enunciação’?

O *Dicio – Dicionário online de Português* – traz que “Enunciação” é um “substantivo feminino” e significa “Ação, maneira de enunciar; enunciado; expressão, declaração, proposição: a enunciação de um princípio”¹.

Ainda em uma pesquisa em sítios da internet, encontramos o *Glossário Ceale*, no qual afirma-se que, “O termo *enunciação* refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador [...], tendo em vista um enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve)”² (ASSIS, [20--?], grifo da autora). E “O produto da *enunciação* é chamado *enunciado*” (ASSIS, [20--?], grifo da autora)². Para a autora, a noção de ‘enunciação’ é “[...] tomada em relação direta com a noção de *enunciado*, pois, sem o dizer, ou seja, sem a *enunciação*, não há o dito, isto é, não há o *enunciado*” (ASSIS, [20--?], grifo da autora)², acrescentamos que, neste sentido, para Saussure, não haveria fala (*parole*). A autora afirma ainda que

A compreensão do *enunciado* – oral, escrito ou organizado por meio de múltiplas semioses (linguagens) – pressupõe sempre a situação de *enunciação*. É dela que vêm as orientações para o sentido do *enunciado*: (i) quem enuncia (seu papel social e conhecimentos partilhados com o enunciatário); (ii) a quem se dirige (seu papel social e conhecimentos partilhados com o enunciador), (iii) onde ocorre (lugar). (ASSIS, [20--?], grifo da autora)²

Entendendo que as concepções de ‘significação’, por si só, demandariam outra pesquisa, assumimos que, ainda que o dicionário nos coloque sentidos que se apresentam como definitivos sobre o conceito de ‘enunciação’, para fins científicos, é necessário que se vá além.

UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE ‘ENUNCIÇÃO’

Começamos nossa busca pelo termo ‘enunciação’, no livro *Gramática de Port-Royal ou Gramática geral e razoada* (1660), de Antoine Arnauld e Claude Lancelot. A edição que analisaremos é de 2001 da Editora Martins Fontes e na mesma encontramos um relato histórico de Port-Royal feito pelos tradutores Bruno Fregni

¹ ENUNCIÇÃO. In: DICIO. Dicionário Online de Português. [S.l.: Dicio], [20--?]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/enunciacao/>. Acesso em: 5 set. 2020.

² ENUNCIÇÃO/ENUNCIADO. In: GLOSSÁRIO CEALE. [Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG], [20--?]. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado>. Acesso em: 5 set. 2020.

Bassetto e Henrique Graciano Murachco que destaca a importância desta instituição para o período. Buscamos também a obra *A lógica ou A arte de pensar* (1662), de Antoine Arnauld e Pierre Nicole, cuja edição analisada é de 2016, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal. Esta edição foi traduzida por Nuno Fonseca da quinta edição francesa, de 1683, revista e aumentada. Nuno faz uma análise crítica muito especial das condições de existência de Port-Royal e evidencia com ela a organização social e espiritual desta instituição.

Nas duas obras, os autores não empregam a palavra ‘enunciado’, nem ‘enunciação’. Por serem obras de grande destaque no século dezessete, podemos inferir que, de modo geral, o termo ‘enunciação’ não fazia parte do repertório linguístico e nem dos estudos dos autores.

A primeira ocorrência de ‘enunciado’ encontrada por nós está na obra *Lógica e filosofia da linguagem*, escrita entre 1879 e 1924, por Gottlob Frege. Na obra, o autor esboça alguns conceitos que serão retomados mais tarde, principalmente, os que se referem a sentido e referência e a suas concepções sobre verdade. Frege não se reporta nem a Port-Royal, nem a Michel Bréal, cuja obra foi editada em 1897. Nas 238 páginas da tradução que analisamos, a palavra ‘enunciado’ aparece 11 (onze) vezes e ‘enunciar’ 1 (uma) vez. A maioria (da primeira a oitava) em obras publicadas postumamente. A primeira é na página 165 no texto *Digressões sobre o sentido e a referência*, escrito entre 1882 e 1895. Em seguida, no texto *Diálogos com Pünjer sobre a existência*, de 1884, também publicado após a morte de Frege, a palavra ‘enunciado’ aparece oito vezes. A segunda e a terceira aparecem na página 172 nos itens 08 e 10 do diálogo. A quarta e quinta, na página 173 nos itens 21 e 22; a sexta na página 175, item 34; a sétima e a oitava na página 179 nos itens 94 e 95, e a nona na página 185. Na página 192, no texto *Carta de G. Frege a H. Liebmann*, de 1900, a palavra que aparece é ‘enunciar’. E o termo ‘enunciado’ volta a aparecer em sua décima vez, na página 194, no texto *O que é uma função?* e, em sua décima primeira vez, na 225, no texto de 1924 *As Fontes de Conhecimento em Matemática e em Ciências Naturais Matemáticas*. O autor não usa a palavra ‘enunciação’ nesta obra.

Michel Bréal em *Ensaio de semântica*, de 1897, usa a palavra ‘enunciado’ uma vez na página 108; ‘enunciá-lo’, uma vez, também na página 108 e ‘enunciar’ três vezes, nas páginas 196, 208 e 212. Este autor apresenta um estudo sobre a

significação das palavras. Afirma que “Em matéria de linguagem, a significação é a grande reguladora da memória” (BRÉAL, 1992, p. 34). E, mais adiante, reafirma essa postura dizendo: “Acredito, de fato, que as palavras foram criadas para terem uma plena significação nelas mesmas, e não para servir a uma sintaxe que ainda não existia” (BRÉAL, 1992, p. 133). Assim, como nos demais, a palavra ‘enunciação’ não aparece em seus escritos, neste livro.

Nas 223 páginas que a obra apresenta, há apenas cinco referências sobre o termo ‘enunciar’, que consideramos uma quantidade pouco expressiva. Pode-se pensar que, por ter sido traduzida em 1992, já com o termo ‘enunciação’ sendo extremamente importante e utilizado, principalmente na linha de pesquisa de um dos tradutores, Eduardo Guimarães, parece-nos que esses estudos possam ter influenciado o uso dessas palavras.

Em 1916, a editora Payot, de Paris, publica *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, obra organizada e publicada postumamente por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. *Curso de linguística geral* também não apresenta a palavra ‘enunciação’, mas traz evidências para uma discussão semântica. Saussure usa o termo *parole* para se referir a fala. Mais tarde, no texto escrito entre 1952-1953, Bakhtin (2011) vai chamar *parole* de enunciado. Nas páginas 208, 210 e 226 aparece a expressão ‘enunciado’. É interessante notar que Saussure não faz menção nem a Frege que iniciou suas publicações em 1879, nem a Bréal, que publicara em 1897, mas cita Port-Royal uma vez, na página 124 da edição de 2011 que estamos analisando.

Em 1945, em *Semântica*, Pierre Guiraud traz muitas informações sobre os estudos da significação, ou seja, sobre a Semântica, mas também não emprega as palavras ‘enunciado’ e ‘enunciação’.

Em paralelo a estes estudos, o russo Michael Bakhtin e seu círculo estavam produzindo muito. Em 1929, haviam lançado a obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* que, na segunda parte, fazem um estudo dos escritos de Saussure. Analisam a obra *Curso de linguística geral* que ainda não havia sido traduzida do francês e, “Na tradução feita por Volóchinov [Bakhtin] o termo francês *parole* (fala) foi traduzido pelo termo russo *viskázivanie*, que na tradição bakhtiniana costuma ser traduzido por “enunciado” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 168), conforme nos

informam as tradutoras Grillo e Américo, em nota, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Mais tarde, entre 1952 e 1953, Bakhtin escreve o texto *Os gêneros do discurso*, que foi acoplado ao livro *Estética da criação verbal*, do mesmo autor. Nesse texto, publicado entre 1952-1953, encontramos 77 vezes o termo ‘enunciados’; 212, o termo ‘enunciados’ e 10 vezes o termo ‘enunciações’.

A palavra ‘enunciação’, no singular, não aparece, mas entendemos que seu conceito se aproxima do que entendem Ducrot (1987) e Guimarães (2002; 2018), como veremos com mais detalhes abaixo.

Para Bakhtin (2011, p. 269, grifo do autor) o enunciado é caracterizado como “[...] *unidade real de comunicação discursiva* [...]”. Entendimento similar ao que podemos encontrar em Guimarães (2002, p. 18), pois, para este autor, os falantes “São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação”. E acrescenta que “[...] só há língua porque há falante e só há falantes porque há língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 18), ou seja, há um sujeito que fala, e ao falar produz enunciados e, neste sentido, “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Este autor entende que só há enunciado se houver sujeito, ou seja, “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2011, p. 274).

De maneira geral, Bakhtin conceitua enunciado da seguinte forma:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada na compreensão). O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão de palavras ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou. (BAKHTIN, 2011, p. 277)

Para o autor, partindo do princípio que todo enunciado é uma paráfrase, digamos assim, há enunciados orais ou escritos anteriores que se mesclam e se

modificam no ato enunciativo, pois, para ele, “O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2011, p. 300), e, se fosse assim, “[...] se tivéssemos de criá-los [os gêneros do discurso] pela primeira vez no processo do discurso de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível” (BAKHTIN, 2011, p. 300).

Observamos, assim, a importância de Bakhtin e seu círculo para a difusão e popularização, no meio acadêmico, de termos ligados à ‘enunciação’.

Stephen Ullmann, em *Semântica: uma introdução à ciência da significação*, de 1961, fechando um ciclo de trezentos anos, faz referências históricas importantes sobre a semântica, mas não usa a palavra ‘enunciado’, nem ‘enunciação’.

No livro *Problemas de linguística geral I*, Émile Benveniste (1976) aborda, em 28 capítulos, diferentes temáticas. Os textos desta obra foram escritos entre os anos de 1939 e 1963 e agrupados por proximidade de temáticas. Nós entendemos como mais fecunda para o entendimento de nosso objeto de pesquisa ‘enunciação’ a ordem cronológica de escrita.

Na tabela seguinte, quando referirmos somente a página, isso significa que o termo apareceu apenas uma vez, quando ocorrer mais de uma menção, haverá a indicação entre parênteses.

Tabela 1 – As palavras enunciar, enunciado(s) etc. em Benveniste (1976)

Textos em ordem de publicação	Referência ao capítulo do livro e página	Uso de termos referente à enunciação
Texto I 1939	Cap. 04 – 53-59	Enunciar p. 53. Enunciados p. 53.
Texto II 1946	Cap. 18 – 247-259	Enunciado p. 250 (2x); 251.
Texto III 1949	Cap. 11 – 141-149	Enunciado p. 143. Enunciar p. 146. Enunciada p. 147.
Texto IV	Cap. 25 – 340-347	Não há referência a esses termos.

1949		
Texto V 1950	Cap. 14- 183-191	Não há referência a esses termos.
Texto VI 1950	Cap. 13 – 163-182	Enunciado p. 163; 164, 166 (4); 167 (4); 168 (8); 169 (4); 170; 172 (2); 173 (2); 174; 176; 179; 181 (3x). Enunciar p. 171. Enunciados p. 172; 174. Enunciação p. 178; 180. Enunciações p. 179.
Texto VII 1951	Cap. 26 – 348-360	Não há referência a esses termos.
Texto VIII 1951	Cap. 27 – 361-370	Não há referência a esses termos.
Texto IX 1952	Cap. 05 – 60-67	Enunciados p. 64. Enunciado p. 66 (2x); 67.
Texto X 1952	Cap. 09 – 205-126	Não há referência a esses termos.
Texto XI 1952	Cap. 15 – 192-203	Enuncia p. 198. Enuncia-se p. 203.
Texto XII 1954	Cap. 01 – 03-18	Enunciado p. 8; 12. Enunciados p. 18.
Texto XIII 1954	Cap. 24 – 319-339	Enuncia-se p. 335.
Texto XIV 1954	Cap. 28 – 371-381	Não há referência a esses termos.
Texto XV 1956	Cap. 07- 81-94	Enunciaria p. 86. Enunciado p. 91. Enunciou p. 91. Enunciamos p. 92.
Texto XVI 1956	Cap. 20 – 277-283	Enunciado p. 278; 282; 283 (2x). Enunciação p. 280; 282.

		Enunciados p. 281.
Texto XVII 1957/1958	Cap. 17 – 228-244	Não há referência a esses termos.
Texto XVIII 1958	Cap. 06 – 68-80	Enunciado p. 71. Enuncia p. 77. Enunciava p. 74. Enunciaram p. 78.
Texto XIX 1958	Cap. 21 – 284-293	Enunciam p. 288. Enuncia p. 288; 292. Enunciado p. 290; 291 (3x); 292. Enunciação p. 290; 292 (4); 293 (2x). Enunciando-a p. 292. Enunciados p. 291.
Texto XX 1958	Cap. 23 – 306-315	Não há referência a esses termos.
Texto XXI 1959	Cap. 19 – 260-276	Enunciação p. 262 (5); 266; 267 (4x); 268 (2x); 270 (4x); 271; 274; 276. Enunciados p. 262. Enuncia p. 267. Enunciar p. 271. Enunciado p. 274. Enunciando-a p. 275.
Texto XXII 1960	Cap. 16 – 204-227	Enunciado p. 205; 206 (5x); 207 (2x); 208; 215; 219. Enunciada p. 209. Enunciar p. 211. Enuncia p. 212; 222. Enuncia-se p. 213. Enunciam-se p. 214. Enunciação p. 224. Enunciava p. 224.
Texto XXIII 1962	Cap. 08 – 97-104	Enunciou p. 99.
Texto XXIV	Cap. 10 – 127-140	Enunciado p. 128; 130; 137 (3x).

1962		Enunciados p. 137.
Texto XXV 1962	Cap. 12 – 150-159	Enunciado p. 153 (2x); 157 (2x); 159.
Texto XXVI 1963	Cap. 02 – 19-33	Enunciados p. 24. Enunciação p. 27.
Texto XXVII 1958	Cap. 03 – 34-49	Não há referência a esses termos.
Texto XXVIII 1963	Cap. 22 – 294-305	Enunciado p. 296 (2x); 297 (4x); 298 (3x); 301 (5x); 302 (9x); 303 (10x); 304 (4x). Enunciados p. 296; 297 (2x); 299; 300 (5x); 301 (2x); 303; 304 (2x). Enunciação p. 298; 300; 302. Enunciações p. 301. Enunciá-los p. 301. Enunciadora p. 302.

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2020.

Nossa releitura desses capítulos foi motivada pela busca do emprego, pelo autor, da palavra ‘enunciação’, que foi usada duas vezes por Benveniste em 1950, no capítulo 13; no capítulo 20 *A natureza dos pronomes*, aparece apenas uma vez; no capítulo 21, *Da subjetividade na linguagem*, aparece sete vezes; no capítulo 19, *As relações de tempo no verbo francês*, aparece dezenove vezes; no capítulo 16, *“Ser” e “ter” nas suas funções linguísticas*, uma vez no singular outra no plural; no capítulo 02, uma vez; e no capítulo 22, três vezes no singular e uma no plural. Os capítulos, por ordem de publicação, 25, 14, 26, 27, 09, 28, 17, 23 e 03, conforme explicitados na Tabela 1, não fazem menção nem a ‘enunciação’ ou mesmo a ‘enunciar’, ‘enunciado’. Os capítulos 04, 18, 11, 05, 15, 01. 24, 07, 20, 06, 16, 08, 10, 12, 02 e 22 apresentam palavras como enuncia, enunciado, enunciados, enunciar, enunciaiva, e outras formas, exceto ‘enunciação’.

De modo geral, dos 28 capítulos, a palavra ‘enunciação’ aparece apenas em sete. Por ordem de publicação e pelo uso recorrente da terminologia, analisaremos os contextos dessas aplicações nos capítulos 13; 21; 19. Observa-se que, nestes três textos, também há menção a outras palavras como enunciados e enunciar.

A palavra ‘enunciação’ foi empregada por Benveniste em 1950, no capítulo 13, *A frase nominal*, referindo-se a frase nominal como enunciado “Diremos que a frase nominal do indo-europeu constitui um enunciado assertivo finito [...]” (BENVENISTE, 1976, p. 171).

Depois de analisar vários enunciados em línguas distintas, principalmente, grego, afirma que

Nunca é demais observar que a frase nominal aparece frequentemente em relação *causal* sublinhada por γύφ [ser], com o contexto. A **enunciação** assim formulada, por causa do próprio caráter permanente de seu conteúdo, é apta para servir de referência, ou de justificação, quando quer criar uma convicção. (BENVENISTE, 1976, p. 179, grifo nosso)

Mais adiante, expõe que “É por isso que a frase nominal convém tão bem a essas enunciações, nas quais, aliás, tende a confinar-se – sentenças e provérbios – depois de haver conhecido mais flexibilidade” (BENVENISTE, 1976, p. 179).

No capítulo 21, *Da subjetividade na linguagem*, aponta alguns usos da palavra ‘enunciação’ de modo que a mesma se marca na subjetividade da linguagem, como o próprio título anuncia.

Quando o autor afirma que “[...] a diferença entre enunciação ‘subjetiva’ e enunciação ‘não subjetiva’” (BENVENISTE, 1976, p. 292) remete a esta forma do sujeito marcar-se ou não no discurso. Assim, “A enunciação identifica-se com o próprio ato. Essa condição, porém, não se dá no sentido do verbo: há a “‘subjetividade’ do discurso que a torna possível” (BENVENISTE, 1976, p. 292).

No capítulo 19, *As relações de tempo no verbo francês*, observamos que as significações dos termos podem variar dependendo dos tempos verbais usados na comunicação e nas pessoas presentes nos discursos.

Neste sentido,

Os tempos de um verbo francês não se empregam como os membros de um sistema único; distribuem-se em dois sistemas distintos e complementares. [...] esses dois sistemas manifestam dois planos de enunciação diferentes, que distinguiremos como o da *história* e o do *discurso*. (BENVENISTE, 1976, p. 261-262, grifo do autor)

Desse modo, ao enunciar, esclarece que “A enunciação [...] caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados. Esses três termos *narrativa*, *acontecimento* e *passado*, devem ser igualmente sublinhados” (BENVENISTE, 1976, p. 262, grifo do autor).

Nesse processo de definições e de novos espaços de interpretação, Benveniste define a narrativa histórica como “[...] um modo de enunciação que exclui toda forma linguística ‘autobiográfica’. [...] Assim, na narrativa histórica estritamente desenvolvida só se verificarão formas de ‘terceira pessoa’”. (BENVENISTE, 1976, p. 262). E que esta narrativa “[...] comporta três tempos: o aoristo (= *passé simple* ou *passé défini*), o imperfeito (incluindo-se a forma em -rait dita condicional) e o mais-que-perfeito” (BENVENISTE, 1976, p. 262). Estes tempos verbais sugerem as subjetividades e fazem parte das situações de ‘enunciação’ sujeito locutor e ouvinte. O autor coloca, ainda, a diferença entre ‘enunciação’ histórica e o discurso e afirma que “A enunciação histórica é reservada hoje à língua escrita. O discurso, porém, é tanto escrito como falado. Na prática, passa-se de um ao outro instantaneamente” (BENVENISTE, 1976, p. 267).

Na obra *Problemas de linguística geral II*, Emile Benveniste mantém esta tendência de ora, em um capítulo, usar termos relacionados a ‘enunciação’, ora não. Para não nos estendermos muito, como o fizemos na análise de *Problemas de Linguística Geral I*, vamos apenas nos referir a alguns capítulos que se destacam.

No capítulo 03, *Semiologia da Língua*, por exemplo, que integra o livro *Problemas de Linguística Geral II*, Benveniste afirma que “A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 66). A palavra ‘enunciação’ só aparecerá novamente no capítulo 05, *O aparelho formal da enunciação*, quando o autor se dedica a explicar que, nas descrições e interpretações linguísticas, há diferença em se pensar as condições de emprego das formas – do conjunto de regras – e as condições de emprego da língua – um mecanismo total. E, conforme Benveniste, “A **enunciação** é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82, grifo nosso), ou seja, a ‘enunciação’ acontece toda vez que se produz um enunciado, em condições específicas. O autor complementa afirmando que “A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Benveniste apresenta a ‘enunciação’ como um grande processo produzido em uma diversidade de situações e que pode ser estudado sob diversos aspectos, dos quais ele destaca três: como a realização vocal da língua, como a conversão da língua em discurso e como a manifestação individual em que a língua se atualiza. O

autor volta sua atenção para o terceiro aspecto e destaca que irá considerar, na ‘enunciação’, o próprio ato, a situação e os instrumentos, visto que a ‘enunciação’ é o emprego da língua para expressar uma relação com o mundo e, portanto, a referência integra a ‘enunciação’, introduzindo aquele que fala, naquilo que diz.

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. [...] Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário. (BENVENISTE, 2006, p. 83-84, grifo do autor)

Sobre a relação locutor-alocutário, Benveniste aponta que “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo [...]” (BENVENISTE, 2006, p. 87, grifo do autor). Ao concluir o texto, o autor sugere que seria necessário desenvolver estudos que distinguissem a enunciação falada da enunciação escrita.

Notamos que Benveniste inicia uma teorização sobre o conceito de Enunciação. Sua abordagem diferente de Frege e Bréal, que usam termos próximos, mas não chegam a empregar a palavra.

A ENUNCIÇÃO EM OSWALD DUCROT E EDUARDO GUIMARÃES

Em Oswald Ducrot e Eduardo Guimarães, percebemos estudos aprofundados sobre o termo ‘enunciação’. No capítulo *Estruturalismo, enunciação e semântica*, de 1978, publicado no livro *O dizer e o dito*, traduzido em 1984, Oswald Ducrot inicia uma teorização sobre o termo e afirma a importância de introduzir a fala na língua, a ‘enunciação’ no enunciado, entendendo que todo ato de ‘enunciação’ é “auto-referencial” (DUCROT, 1987, p. 72).

[...] cada ato de enunciação constitui um acontecimento único, que implica um locutor particular, enquanto que o enunciado (a frase) permanece, por definição, invariável através da infinidade de atos de enunciação de que pode ser o objeto. (DUCROT, 1987, p. 65)

Na citação acima, Ducrot dá a entender que compreende frase e enunciado como sinônimos, aprofunda suas reflexões sobre esses conceitos e observa que

“[...] – como fragmento de discurso –, o enunciado deve ser distinguido da frase, que é uma construção do linguista, e que permite dar conta dos enunciados” (DUCROT, 1987, p. 166). Aqui, já percebemos que há uma diferenciação entre os dois termos. Ou seja, a frase passa a ser uma entidade teórica atrelada à significação e o enunciado uma entidade observável ligada ao sentido. E para fundamentar essa diferença, este autor afirma que

Em correlação com a oposição da frase e do enunciado, devo agora introduzir a diferença entre a significação e o sentido [...] Quando se trata de caracterizar semanticamente uma frase, falarei de sua “significação”, e reservarei a palavra “sentido” para a caracterização semântica do enunciado. (DUCROT, 1987, p. 169)

Deste modo, e cada vez com mais abstração, o autor vai dizer que para ele o “[...] “enunciado” [é] uma ocorrência particular da frase” (DUCROT, 1987, p. 183). Essas afirmações são importantes porque, a partir das diferenciações entre enunciado e frase, Ducrot procura mostrar a conceituação de ‘enunciação’, que é nosso objeto de estudo neste texto.

Em outro capítulo, *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, e o mais instigante sobre o assunto, publicado no livro *O dizer e o dito*, traduzido em 1984, Ducrot destaca que “[...] que cada enunciado possui um, e somente um autor” (DUCROT, 1987, p. 161), ainda que este assuma “[...] uma série de máscaras diferentes [...]” (DUCROT, 1987, p. 161). Ducrot vai referir-se ao efeito de ‘enunciação’, para analisar que um falante quando enuncia espera que o outro faça, e, neste caso, há incitação para agir ou para responder (DUCROT, 1987, p. 163).

A partir dos estudos de Ducrot (1987) sobre a Ciência da Significação, a ‘enunciação’ é definida como

[...] o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá depois. É esta aparição momentânea que se chama “enunciação”. (DUCROT, 1987, p. 168)

Assim, para o autor, é por esta aparição momentânea, por esta ‘enunciação’ que o falar significa e o “[...] que o sujeito falante comunica através de seu enunciado é a qualificação da enunciação deste enunciado” (DUCROT, 1987, p. 172). E, deste modo,

[...] o sentido de um enunciado [...] é a descrição de sua enunciação. [...] “descrição da enunciação” [...] trata-se de indicações, que o enunciado apresenta, no seu próprio sentido, sobre o (ou os) autor(es) eventual(ais) da enunciação. (DUCROT, 1987, p. 181)

Ducrot, ao fazer este percurso analítico sobre enunciado e ‘enunciação’, apresenta e analisa diferentes tipos de enunciados, evidenciando as nuances da língua. Este autor, para finalizar o estudo da ‘enunciação’ nesta obra, afirma que “[...] do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas” (DUCROT, 1987, p. 187). Aqui notamos uma similitude com os estudos de Bakhtin e seu círculo sobre o enunciado (*parole*), expostos mais acima neste texto.

Realizando um outro percurso, Eduardo Guimarães busca evidências em outros autores sobre a ‘enunciação’. No livro *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem* (1995), Guimarães realiza uma revisão histórica sobre o ‘sentido’ em autores como Bréal, Saussure, Tarski, Frege, Grice, Austin, Searle, Benveniste, Ducrot, Bally, Bakhtin, Orlandi, entre outros, entrelaçando estudos sobre o tema.

No entrecruzamento destas pesquisas, o termo ‘enunciação’ aparece muitas vezes, pois o sentido está ligado ao enunciado e o enunciado à ‘enunciação’. Assim, inicia suas falas sobre ‘enunciação’, inferem que “[...] o sentido deve ser considerado a partir do funcionamento da linguagem no acontecimento da enunciação”. (GUIMARÃES, 1995, p. 11). À medida que Guimarães analisa as pesquisas, nos autores destacados acima, verifica-se que alguns deles fazem uso do termo ‘enunciação’. Com base nos estudos de Austin (1962), Guimarães (1995, p. 38) afirma que “É possível, portanto, dizer que toda enunciação envolve uma ação do locutor”, o que não contradiz as falas de Benveniste, Bakhtin ou Ducrot citados anteriormente.

Guimarães (1995, p. 40), observando o que Searle (1969) apresenta em seus textos ao pensar sua teoria sobre os atos de fala, pondera que “O primeiro deles seria o ato de dizer, simplesmente. Aos atos deste tipo Searle chama de atos de enunciação” (GUIMARÃES, 1995, p. 40). Outro exemplo vem de Benveniste (1967). Segundo Guimarães (1995), esse autor estudou o uso dos verbos em francês e concluiu que

O sistema do passado composto marca na enunciação o que ele [Benveniste] chamou enunciação discursiva, enquanto que o sistema do passado simples marca o que ele chamou de enunciação histórica. A enunciação histórica seria a enunciação objetiva, sem a presença do sujeito em enunciar, em oposição a enunciação discursiva que teria esta marca. (GUIMARÃES, 1995, p. 46).

Mais adiante, Guimarães explica que, em 1974, em um artigo intitulado *Aparelho formal da enunciação*, Benveniste “[...] conceitua a enunciação como uma relação do locutor com a língua. O locutor se apropria da língua pondo-a em funcionamento” (GUIMARÃES, 1995, p. 47). Nesse processo da língua em funcionamento é que ocorre a ‘enunciação’.

Nos estudos de Ducrot, presentes na pesquisa de Guimarães, encontramos características diferentes. Ducrot teoriza abertamente o conceito de ‘enunciação’. E, “Ele [Ducrot] está, deste modo, considerando que na língua estão formas que, quando utilizadas, marcam a própria ‘enunciação’ do enunciado. Ou seja, está considerando que é preciso incluir na língua formas que marcam a ‘enunciação’”. (GUIMARÃES, 1995, p. 50). E neste sentido, Ducrot e Anscombre (1973, p. 18), afirmam que a ‘enunciação’ é “[...] a atividade de linguagem exercida por aquele que fala no momento em que fala” (apud GUIMARÃES, 1995, p. 56).

Guimarães busca em Ducrot os pressupostos teóricos da argumentação e das distinções entre ‘sujeito falante/ouvinte’; ‘locutor/alocutário’; ‘enunciador/destinatário’. Esses conceitos e definições são importantes porque marcam uma ruptura no modo de compreender como estes conceitos fazem sentidos na teoria semântica da argumentação.

Deste modo, explica que “[...] a teoria da argumentação na língua passa a distinguir um *valor argumentativo* tratado em nível semântico “mais profundo”, e o ato da argumentação que se realiza na enunciação” (GUIMARÃES, 1995, p. 55, grifo do autor). Observa, ainda, que, considerando os estudos de Bally e Bakhtin, Ducrot cria os postulados do sujeito na ‘enunciação’ e “[...] distingue três duplas de categorias: sujeito falante/ouvinte; locutor/alocutário; enunciador/destinatário”, (GUIMARÃES, 1995, p. 60) e os conceitos agregados a estas categorias é que vão fundamentar as diferenciações com outras teorias.

Neste sentido, para Ducrot,

Falante e ouvinte são os agentes psico-físico-fisiológicos da ação de falar e ouvir [...] não são categorias linguísticas, e não fazem então, parte do objeto da semântica [...] locutor/alocutário

e enunciador/destinatário são categorias linguísticas e se incluem como elementos da descrição semântica da enunciação. (GUIMARÃES, 1995, p. 60)

Estas categorias ‘locutor/alocutário’ e ‘enunciador/destinatário’, para Ducrot (1987), retomadas por Guimarães (2002; 2018), são as categorias que farão parte das construções semânticas e é por elas que enunciado e ‘enunciação’ farão sentido na teoria ducrotiana.

Quanto ao locutor, “[...] Ducrot o caracteriza como a figura da enunciação que se representa como *eu* na enunciação, representando-se como o responsável pela enunciação em que ocorre o enunciado” (GUIMARÃES, 1995, p. 60, grifo do autor). Deste modo, esclarece que “A enunciação de um enunciado não tem uma única figura de sujeito” (GUIMARÃES, 1995, p. 60), porém, é o enunciador que “[...] estabelece a perspectiva da enunciação” (GUIMARÃES, 1995, p. 60).

A figura do enunciador é muito importante para a teoria da argumentação ou da semântica argumentativa e, neste sentido, na “[...] perspectiva enunciativa, o enunciador, é a figura de sujeito que não se dá como quem fala, mas simplesmente como um lugar do qual se fala, se enuncia. Esta é a questão mais importante para a polifonia, segundo Ducrot” (GUIMARÃES, 1995, p. 61). De uma maneira mais formal, Ducrot, através do olhar de Guimarães (1995), observa que “[...] a enunciação de um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os” (GUIMARÃES, 1995, p. 68).

Em nota de rodapé, na página 18, do livro *Semântica: enunciação e sentido* (2018), Eduardo Guimarães faz referência a Weil (1844), Bréal (1897), Bally (1942), Benveniste (1966, 1974) e Ducrot (1973, 1984) como autores que possibilitam traçar um percurso histórico e teórico para o termo ‘enunciação’.

Nesta obra, o autor dedica-se às análises enunciativas pelo estudo do funcionamento dos nomes e afirma que “[...] o acontecimento da enunciação se produz pelo funcionamento da língua nos espaços de enunciação [...]”. (GUIMARÃES, 2018, p. 8). Temos, então, a palavra ‘enunciação’ presente em dois conceitos: acontecimento e espaço

O autor considera a ‘enunciação’ como um acontecimento que temporaliza e produz sentido e o enunciado como a unidade de análise da semântica, “[...] a unidade de linguagem que apresenta no seu funcionamento, uma consistência

interna, aliada a uma independência relativa” (GUIMARÃES, 2018, p. 15). Um enunciado, então, tem que ser considerado em um acontecimento, pois conforme o autor, só há enunciados quando ditos na ‘enunciação’.

Assim, conforme Guimarães (2018, p. 22), a semântica é “[...] enquanto semântica da enunciação, a disciplina que analisa os sentidos dos enunciados enquanto enunciados que integram textos dos acontecimentos que os produzem”, ou seja, os sentidos dos enunciados estão além das frases e da comunicação falante ouvinte. Deste modo, observa-se que faz-se o uso dos sentidos das palavras para a significação dos enunciados. Neste sentido, Guimarães explica que a “[...] significação é produzida pela *enunciação*, por alguém, de algum material de linguagem específico” (GUIMARÃES, 2018, p. 14, grifo do autor) e define:

A enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua. Considerando a questão desse modo, dizer algo, produzir significação, se dá num acontecimento numa certa língua. (GUIMARÃES, 2014, p. 14)

Assim, a ‘enunciação’, para o autor, diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo, a ‘enunciação’ é o acontecimento do dizer, é um acontecimento que produz sentido, “[...] o acontecimento em que o texto em que está enunciado se dá pelo funcionamento da língua, segundo suas sistematicidades próprias” (GUIMARÃES, 2018, p. 21). Isso possibilita ao autor afirmar que “[...] o falante é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua, no que chamamos espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2014, p. 22).

Sobre o espaço de ‘enunciação’, Guimarães explica que é o espaço da prática linguística, aberto a permanentes mudanças, constituído de línguas com línguas e com falantes, “[...] o espaço de relações de línguas, no qual elas funcionam na sua relação com falantes [...] um espaço político no funcionamento das línguas” (GUIMARÃES, 2018, p. 23-24).

Sobre o acontecimento da ‘enunciação’, o autor explica que o acontecimento não pode ser visto como algo empírico, como o fato de algo ocorrer. Para Guimarães, a definição de acontecimento “[...] exige que algo seja relacionado a uma certa ordem que lhe atribui uma significação[...] a ordem em que algo é considerado é que lhe dá o sentido de acontecimento específico” (GUIMARÃES, 2018, p. 37) e completa que o acontecimento do dizer, o acontecimento do

funcionamento da língua no espaço de ‘enunciação’, “[...] constitui, a cada vez, sua temporalidade significativa: um passado, um presente e um futuro de sentidos” (GUIMARÃES, 2018, p. 40) e “[...] agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia [...]. Enunciar num acontecimento é dizer algo com sentido, que se produz pela temporalidade própria de cada acontecimento” (GUIMARÃES, 2018, p. 41).

É importante destacar que o autor aponta que a ‘enunciação’ não se caracteriza por intenções de alguém.

O sentido se constitui exatamente pelos modos de agenciamento do acontecimento de linguagem [...]. Assim, se o falante é agenciado em o lugar que diz, este lugar que diz só o faz na medida em que o falante se divide em *lugar que diz* e lugar social de dizer [...]. (GUIMARÃES, 2018, p. 44, grifo do autor)

Assim, é possível compreender o conceito de cena enunciativa que é constituído “[...] pelo agenciamento do falante em lugares de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p. 46). O autor considera três lugares de ‘enunciação’: o locutor (aquele que diz), o alocutor (lugar social de dizer) e o enunciador (o lugar de dizer). Assim, retornamos às considerações sobre as duplas de categorias ‘locutor/alocutor’ e enunciador/destinatário’, que Ducrot evidencia como categoria linguística da semântica enunciativa, já discutidas anteriormente neste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica que fizemos, em torno ao termo ‘enunciação’, mostrou resultados profícuos e instigantes. Através dos autores e obras que compõem o *corpus* deste trabalho, observamos que o termo específico ‘enunciação’ aparece no cenário estudado a partir de Bakhtin, ou seja, nas obras analisadas de Antoine Arnauld e Claude Lancelot; Antoine Arnauld e Pierre Nicole; Gottlob Frege; Michel Bréal; Ferdinand de Saussure; Pierre Guiraud que compreendem o período de 1660 a 1945 – período de quase três séculos –, este termo, praticamente não foi usado.

A partir da tradução de *parole* (fala para Saussure) por integrantes do círculo de Bakhtin como enunciado, este termo começou a ser utilizado por diferentes teóricos, a exemplo de Benveniste, Ducrot e Guimarães.

Nosso objetivo era saber como ‘enunciação’ se caracterizava nos livros compreendendo os anos 1660 a 2018. Nas obras analisadas do século XVII, o termo ‘enunciação’ não aparece. Nas obras posteriores, observamos que, junto à ‘enunciação’, aparecem outros termos como enunciado, enunciador, semântica, significação. Ao realizar nosso percurso teórico, mapeando o termo enunciação, reforçamos que, para que tenhamos um entendimento do termo pesquisado, necessitamos estudá-lo inserido em um contexto.

Traçamos um caminho longo, passando por diferentes vieses teóricos, com peculiaridades e sinuosidades. Entendemos que este é um trabalho que pode continuar e ganhar novos contornos e consistências. O percurso constitutivo dos conceitos teóricos indica especificidades de cada área e autor e as análises aqui depreendidas como a ‘enunciação’ foi sendo territorializada.

REFERÊNCIAS

- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal ou Gramática geral e razoada**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Originalmente publicado em 1660.
- ARNAULD, A.; NICOLE, P. **A lógica ou A arte de pensar**. Tradução de Nuno Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2016. Originalmente publicado em 1662.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306. Originalmente publicado em 1952-1953.
- BAUER, M.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39-63.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional, 1976. Originalmente publicado em 1939-1963.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. Originalmente publicado em 1965-1972.
- BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. Tradução de Aída Ferraz, Eduardo Guimarães, Eleni Jacques Martins e Pedro de Souza. São Paulo: EDUC, 1992. Originalmente publicado em 1897.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. Tradução de Eduardo Guimarães. *In*: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218. Originalmente publicado em 1984.

DUCROT, O. Estruturalismo, enunciação e semântica. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. *In*: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987. p. 63-88. Originalmente publicado em 1978.

ENUNCIACÃO. *In*: DICIO. Dicionário Online de Português. [S.l.: Dicio], [20--?]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/enunciacao/>. Acesso em: 5 set. 2020.

ENUNCIACÃO/ENUNCIADO. *In*: GLOSSÁRIO CEALE. [Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG], [20--?]. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado>. Acesso em: 5 set. 2020.

FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2009. Originalmente publicado em 1879-1924.

GRILLO, S.; AMÉRICO, E. M. Nota de rodapé n. 30. *In*: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. n.p. Originalmente publicado em 1929.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. São Paulo: Pontes, 2018.

GUIRAUD, P. **Semântica**. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Originalmente publicado em 1945.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. Originalmente publicado em 1916.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução de José Alberto Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. Originalmente publicado em 1961.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. Originalmente publicado em 1929.

Sobre as autoras

Débora Pereira Lucas Costa

Possui graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel (2004), especialização em Jornalismo Político, pela AVM Faculdade Integrada (2015), especialização em Gestão do Agronegócio, pela Faculdade Fasipe (2017), mestrado em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras – da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop (2019). É doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres, e graduanda em Letras pela Unicesumar. Atualmente é professora no curso de graduação em Jornalismo, do Centro Universitário Fasipe (Unifasipe). É membro dos grupos de pesquisa Educação Científico-Tecnológica e Cidadania (CETA/UNEMAT) e Educação e Estudos de Linguagem (GEEL/UNEMAT). É membro do projeto de pesquisa Questões Urbanas em Linguagens (QUEL). É revisora da Revista Eventos Pedagógicos (REPS). Tem interesse nas áreas de Análise do Discurso, Mídia e Agronegócio.

Simone de Sousa Naedzold

Doutoranda em Linguística, UNEMAT de Cáceres/MT (2020-2024); Mestra em Letras – ProfLetras/UNEMAT/Sinop/MT (2018); Licenciada em Letras/Língua Portuguesa e em Língua Espanhola – UFSC, (2001); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Estudos da Linguagem – GEEL, no Projeto de Pesquisa Questões Urbanas em Linguagens – QUEL. Atuou no Projeto de Pesquisa "Leituras urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no norte de Mato Grosso" (2017-2019), conforme Portaria nº 4115/2017 e Portaria nº 2913/2019 – UNEMAT. Colaboradora nas discussões e sistematizações das Orientações Curriculares para o Estado de Mato Grosso, área de Linguagens, conforme Portaria Nº. 302/2010/GS/SEDUC/MT (2010); Assessora Pedagógica (2011/2014); Membro da Equipe Técnica Regional dos estudos/da implementação da BNCC – Mato Grosso. Servidora efetiva da rede estadual de educação em Mato Grosso desde 2008, lotada em Sinop na Escola Estadual Enio Pipino, na qual atuou como coordenadora pedagógica em 2019. Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras – ASCL, cadeira 33, Patrono: Santiago Villela Marques. Desde 2017, dedica-se aos estudos da Análise de Discurso de linha francesa.